

AULA 5 – INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

No final da Aula 4 afirmamos que acesso a informação e produção do conhecimento são processos completamente diferentes e que precisamos pensar e definir claramente essa distinção.

Para começo de conversa, vamos diferenciar dado de informação: dado é qualquer referência da realidade que se produz, independentemente de que função ou contexto ele esteja. Por exemplo: 12.040 é um número, um dado que representa alguma coisa na realidade; sala é uma palavra que representa um espaço da realidade, de maneira genérica, UERJ é uma sigla, simbolicamente não “quer dizer nada”, para alguém que não conheça o seu contexto. Agora, quando dizemos: “a sala 12.040, bloco F, na UERJ é a sala na qual começou a funcionar o Instituto de Formação Humana.”; estamos organizando um conjunto de dados, em um determinado contexto, com um significado compreensível até para quem não identifique de imediato a sigla da universidade. Portanto, quando formulamos a frase, transformamos um conjunto de dados em uma informação estruturada, a ser comunicada.

O advento das tecnologias digitais de informação e comunicação nos trouxe, de maneira aberta e ampla, o acesso a informação, ou porque não dizer, a democratização do acesso. Porém, não foi sempre assim...

Alguns autores ainda discutiam nos idos da década de 1980, se o acesso seria restrito apenas a uma camada específica e privilegiada da sociedade, porém, sabemos que essa discussão ser superada pelo surgimento das diferentes mídias de massa. O acesso hoje existe e está disponível por uma diversidade enorme de aparelhos e aparatos tecnológicos já acessíveis a maior parte da população mundial, mas ainda com algumas restrições de ordem econômica ou política. Neste caso, afirmamos e podemos verificar por meio de dados estatísticos que o rádio - sim, isso mesmo, rádio difusão pelo uso de sinal de antena - ainda é um poderoso meio de comunicação de massa, por exemplo, para todas as classes sociais, em todo o mundo, ou seja, uma tecnologia considerada antiga continua a funcionar e a fornecer informação onde a tecnologia digital não chega.

O que se discute é: o que os sujeitos fazem com a informação que recebem? Conseguem se posicionar criticamente diante delas? Sabem checar as fontes, ou ainda, acreditam em todas as informações o que chegam? Onde se coloca a relação de poder, a relação de desenvolvimento humano, uma vez

que, o acesso a informação foi “franqueado” a quem quiser, de fato acessá-la?

Por esse motivo precisamos pensar na diferença entre acesso a informação e produção de conhecimento. Pergunta-se: transformamos em conhecimento todas as informações às quais temos acesso?

Como fazemos a seleção da informação que será transformada por nós em conhecimento e, não apenas assimilada, mas elaborada e apropriada em nosso ferramental cognitivo? Neta pergunta já encontramos uma importante dica para pensarmos sobre esse processo.

O grande desafio do nosso tempo reside na complexidade que envolve a nossa tomada de decisão:

- Seremos, por um lado, meros consumidores passivos, assimiladores de informações “decoreba”, disponíveis no “dr. Google”, no Chat GPT, na mídia em geral e até mesmo e na sala de aula da graduação ou, por outro lado, seremos produtores ativos de conhecimento?
- Ao receber a informação, vamos classificar, selecionar, trabalhar em interação com o mundo e com os outros sujeitos, para transformar - por nossa iniciativa - um volume enorme de informações que nos “atropelam” em algo completamente novo?
- Transformar a informação em algo novo, real, válido, que seja incorporado nas nossas estruturas cognitivas e que tenha impacto no nosso comportamento, na nossa dimensão social?
- Esse processo reflexivo representaria, concretamente, uma transformação nos processos de aprendizagem, que envolvem a formação humana em sua mais ampla dimensão?

Quinta parada: um caminho possível para começar a pensar sobre a produção de conhecimento.

Piaget propõe que o processo pelo qual nos apropriamos de um objeto novo se dá de maneira particular quando nos colocamos em contato direto com o objeto desconhecido. É preciso estar em interação com esse elemento novo para nos apropriarmos dele.

Ou seja, para identificar as suas características e para internalizar o seu significado e suas propriedades. Piaget chama a isso de adaptação, que envolve dois processos complementares: acomodação e assimilação.

Durante toda a vida estamos permanentemente passando por essa experiência de apropriação de novos objetos, mas para Piaget a possibilidade de apropriação de objetos mais complexos vai aumentando de acordo com o desenvolvimento da inteligência.

O estágio de desenvolvimento chamado de operações formais se caracteriza pela compreensão dos objetos que compõe o mundo, de maneira geral e também todas as suas propriedades e possibilidades, como por exemplo, as relações espaciais e a trigonometria. Antes desse estágio, não seria possível a compreensão de toda a complexidade de conceitos abstratos envolvidos nessas relações. No entanto, ao dominar as relações das operações formais, os sujeitos estariam aptos a fazer inferências e produzir conhecimento com base nas proposições científicas, ou seja, a partir do uso de métodos e da experimentação.

Portanto, para ele, em um primeiro contato com o objeto novo acontece um desequilíbrio no nosso processo cognitivo, não sabemos o que é aquilo. De início, nós identificamos as características do objeto que nos parecem familiares ou similares a outros objetos, já conhecidos. Nesse momento o nosso organismo está buscando se adaptar para incorporar o objeto novo à nossa estrutura cognitiva. A esta etapa Piaget denomina assimilação.

Em seguida, confrontamos esse objeto novo com as informações que já temos disponíveis, como produto da nossa experiência de vida e buscamos dar significado a ele, para compreender suas funções e suas características. Precisamos explorar o objeto, elaborar perguntas sobre ele, buscar respostas para os questionamentos provocados por ele, tentar achar seu lugar no nosso mundo. É o objeto que está se adaptando aos nossos esquemas mentais, já existentes. Este passo corresponde ao que Piaget chama de acomodação.

Finalmente, depois de “acomodar o objeto” no nosso esque mental, podemos dizer que acontece equilíbrio, ou seja, já nos apropriamos do objeto novo, tornando possível a sua compreensão. Nesse momento, esse objeto deixa de ser novo e passa a fazer parte de um esquema mental e torna-se disponível para ser utilizado, ou evocado, em qualquer outro momento.

Piaget também dá o nome de internalização a esse “desfecho”, no qual se dá realmente a aprendizagem, como um processo que, nesse momento, é individual.

O processo descrito por Piaget¹ ajuda a compreender a dinâmica de apropriação do novo, a exemplo do que ocorre com os objetos de aprendizagem, um recurso utilizado nas práticas de Educação a distância, que usam o computador e da internet. Os objetos de aprendizagem são unidades organizadas de conhecimentos reunidos em módulos e disponibilizados em meio digital. Esses objetos são um conjunto de informações didaticamente organizadas, com recursos de apoio (como simulações e *hiperlinks*, por exemplo) para que sejam lidas, analisadas, comparadas com outras informações, permitindo que o sujeito estabeleça relações e experimentações, se apropriando do novo objeto, pelo processo proposto por Piaget e descrito nos parágrafos anteriores.

O processo de aprendizagem descrito por Piaget trata da dimensão cognitiva, ou seja, da forma como nossa inteligência se apropria do objeto novo. Isso se dá em qualquer tempo, em qualquer sujeito, salvo problemas de ordem neurológica ou outro comprometimento que afete as faculdades mentais relacionados à inteligência humana.

Na aula 6 daremos continuidade à reflexão sobre as formas de pensar e aprender nesse novo modelo de sociedade.

O processo de “desequilibrar, assimilar e acomodar para equilibrar novamente” é uma proposição de Jean Piaget, biólogo que pesquisou durante toda a sua vida o funcionamento da inteligência humana e, por consequência, seus estudos são um importantíssimo contributo para os processos de aprendizagem humana, em todas as circunstâncias da vida. Ao contrário do que se imagina, a teoria de Piaget não se aplica somente a crianças, este esquema se aplica a qualquer pessoa, em um processo de aprendizagem. Caso tenha curiosidade de saber mais sobre esta teoria, pode acessar o link que tem um vídeo simples e objetivo. https://www.youtube.com/watch?v=m5nAN_f3ed8

¹ BIAGGIO, 2009